

Resenha recebida em: 30/10/2018

Resenha aprovada em: 18/01/2019

SOBRE O SUICÍDIO, DE MARX
a posição das mulheres e o suicídio na contemporaneidade

ON SUICIDE, BY MARX
women's position and suicide in contemporaneity

Amanda Nunes de Freitas¹
(amanddafreitas3@gmail.com)

RESUMO

A obra *Sobre o suicídio* refere-se à posição das mulheres na França do século XVII, apresentando os principais desencadeadores para o tópico: religião, moralidade e submissão. Assim como mencionado na obra, esses três aspectos ainda são influenciadores para o ato na atualidade. Pensar sobre o suicídio na contemporaneidade (utilizando Jacques Peuchet e Karl Marx como coautor) abre espaço para questionar por que, mesmo após 200 anos, a sociedade ainda está em semelhante posição, e em como o Estado (inclusive seus cidadãos) possui influência sobre os suicídios ao evitar discussões acerca do tema e deslegitimar os casos. Ademais, é imprescindível o reconhecimento da depressão como uma questão de saúde pública que necessita de acompanhamento periódico. Uma saída possível para esse obstáculo seria, portanto, o reconhecimento da depressão como uma patologia e, a partir disso, a tentativa de redução dos casos.

Palavras-chave: Karl Marx. *Sobre o suicídio*. Contemporaneidade. Posição das mulheres.

ABSTRACT

The work *On suicide* addresses the position of women in 17th century France, showing the main triggers for the topic: religion, moral and submission, aspects which still influence such an act nowadays. To think about suicide now (using Jacques Peuchet and Karl Marx as coauthor) opens space to ask why, 200 years later, society has yet to find a solution for this problem, and how the State (including its citizens) has influence on suicide as it avoids discussions on this matter and delegitimizes the cases. Furthermore, it is indispensable to recognize depression as a public health issue that needs constant monitoring. A possible way to overcome this problem could be, therefore, to recognize depression as a pathology and to try to reduce the frequency of cases.

Palavras-chave: Karl Marx. *On suicide*. Contemporaneity. Women's position.

¹ Graduanda em Filosofia pela Universidade de Brasília.

CV: <http://lattes.cnpq.br/7843739243215723>.



O reconhecimento de Karl Marx advém principalmente de duas obras: *O Capital* e *Manifesto do Partido Comunista*; todavia, a produção de maior cunho empático e altruísta está em *Sobre o Suicídio*, obra quase nunca lida e estudada. Essa obra deriva de anotações de um ex-arquivista da Polícia Francesa chamado Jacques Peuchet e tem Marx como coautor.

Jacques Peuchet tinha como função registrar os suicídios cometidos na França em 1824. São registrados, no total, 371 casos de suicídio, a maioria de homens (contabilizando 239 atos). Marx se utiliza das anotações de Peuchet e faz críticas ao suicídio e à influência da sociedade nesse fato.

Na obra, são apresentados três casos de suicídio feminino e um de suicídio masculino; no presente texto, somente os casos de suicídio feminino serão discutidos. Vale ressaltar que a obra diz respeito à posição das mulheres na sociedade francesa; ademais, a obra traz julgamentos acerca de moralidade, religião, costumes e do papel da mulher, e trata de como esses elementos podem ser desencadeadores do suicídio.

O primeiro caso traz a questão da virgindade; o segundo diz respeito a um abuso sexual que desencadeia uma gravidez não desejada – e esse é o caso mais importante, porque traz à tona a questão do aborto; já o terceiro caso envolve um marido perturbado e abusivo, que é o responsável por provocar o suicídio de sua esposa.

Em maiores detalhes, o primeiro caso envolve um casal de noivos que acaba tendo uma relação sexual antes do casamento. Ao voltar para casa, a noiva se depara com seus pais e vizinhos, que a julgam por conta do ato; ela se joga ao rio. O segundo caso é de uma jovem órfã de 17 anos que vai morar com sua tia. Ao chegar lá, ela é abusada sexualmente pelo esposo de sua tia (um bancário conhecido em Paris) e acaba engravidando. Ao saber que está grávida, busca um médico e pede que ele faça um aborto; entretanto, o profissional se recusa, por conta das medidas legais. Aflita e com medo de que sua situação venha à tona, a jovem se suicida dias depois. O terceiro caso traz um esposo controlador e violento que vai para uma cidade distante, afasta sua esposa de todos (inclusive da própria família) e a controla o tempo inteiro. O marido, armado, vigia a casa durante a noite. Desesperada e querendo fugir (infelizmente sem ter para onde), ela se suicida.

Com a leitura da obra, fica nítida a preocupação de Marx com essas mulheres e nota-se que já há pequenos fragmentos que ele retomará em *O Capital*. Para o autor, o suicídio é sintoma de uma luta social. Inclusive, há um momento em que ele faz uma analogia entre o marido e um senhor de escravos. Ficam claras também suas críticas ao Estado e à submissão da população a ele. Para Marx, existe uma relação de classe na posição dessas mulheres, porque a sociedade é machista e misógina.



Sobre os porquês do desencadeamento do suicídio, Marx afirma:

As doenças debilitantes, contra as quais a atual ciência é inócua e insuficiente, as falsas amizades, os amores traídos, os acessos de desânimo, os sofrimentos familiares, as rivalidades sufocantes, o desgosto de uma vida monótona, um entusiasmo frustrado e reprimido são muito seguramente razões de suicídio para pessoas de um meio social mais abastado, e até o próprio amor à vida, essa força enérgica que impulsiona a personalidade, é frequentemente capaz de levar uma pessoa a livrar-se de uma existência detestável. (MARX, 2006, p. 24)

Marx apresenta alguns aspectos que podem ser os motivos que levam ao suicídio; porém, o suicídio para ele é uma parte natural integrada à vida, que não pode ser considerada antinatural porque está inserida na sociedade. A sociedade capitalista suga, destrói e mata pessoas, e é essa mesma sociedade que tem repulsa ao falar de suicídio e prefere “fechar os olhos” frente a tal problemática. Marx utiliza Rousseau para fundamentar sua crítica:

Que tipo de sociedade é esta, em que se encontra a mais profunda solidão no seio de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um desejo implacável de matar a si mesmo, sem que ninguém possa prevêê-lo? Tal sociedade não é uma sociedade; ela é, como diz Rousseau, uma selva, habitada por feras selvagens. (MARX, 2006, p. 28)

191

Para Marx, é necessário que haja uma reforma na sociedade para que o quadro seja revertido. O que ele pretende, na verdade, é uma diminuição dos casos de suicídio e uma sociedade mais empática a partir de uma reflexão sobre essa dificuldade. Além de explicitar seus pensamentos sobre a posição do suicida, Marx faz questão de demonstrar como os outros possuem responsabilidade em tais atos. Para ele, o suicídio não é unilateral.

Ressalte-se que, mesmo 200 anos após o escrito, as mulheres ainda se encontram em semelhante posição, e o suicídio ainda é um tema que causa repulsa a muitas pessoas. Frente a isso, fica o questionamento: como resolver a questão do suicídio (que é um reflexo social), se não se fala sobre ele? Como resolver a questão, se não se propõem mudanças em relação a ela? É óbvio que estamos avançando, mas esse avanço ainda é pequeno. Há ainda, por exemplo, a religião condenando o suicídio, o preconceito com profissionais da área de saúde psíquica e uma reafirmação (assim como na obra de Marx) da culpabilização do suicida. O olhar nunca é coletivo; é sempre individual.

Na prática, é mais simples responsabilizar o suicida e deslegitimá-lo do que reconhecendo o papel dos demais naquele ato; é mais confortável (senão



conveniente) culpá-lo. No entanto, isso pode ser caracterizado como um ato grotesco de covardia e desumanidade.

Trazendo o tema aos dias atuais, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde) aproximadamente um milhão de pessoas se suicidaram no Brasil em 2000.² Em nossa sociedade, a depressão é vista como uma “frescura” e até mesmo “falta de Deus”. O problema que isso acarreta é o fato de a depressão ser a principal razão para o suicídio, e reconhecê-la é um dos primeiros passos para a prevenção.

A falta de empatia na sociedade e de suporte profissional também é um aspecto relevante. A ausência de empatia é, muitas vezes, reflexo de uma falta de conhecimento. É importante dizer também que, certas vezes, a pessoa tenta cometer o suicídio e, sem êxito, vai parar no hospital. Ela recebe alta e não possui assistência ao sair; um acompanhamento profissional não pode ser custeado por algumas pessoas. Deve haver um acompanhamento psiquiátrico, psicológico e familiar/social após a tentativa (assim como na idealização do suicídio), pois as tentativas aumentam gradualmente. Além disso, os profissionais de saúde precisam de suporte para poderem atender a esses casos de forma satisfatória. Seria benéfica, talvez, uma articulação entre profissionais de saúde mental, profissionais de saúde em geral e profissionais dos serviços de emergência.

Sobre as relações da atualidade – que também são causas para a questão em voga – Bauman as explicita em algumas de suas obras (especificamente em *Amor líquido*, *Modernidade líquida* e *Tempos líquidos*). Para o autor, as relações são líquidas pós-modernidade; como prova disso, ele busca esclarecer como os regimes totalitários (junto ao capitalismo) tornam a sociedade cada dia mais individualista, adoecida e apática. Inclusive, ele dedica um capítulo da obra *O mal-estar da pós-modernidade* à moralidade, que, segundo ele, é formalizada no lar. Embora Bauman tenha obras bem elaboradas e justificadas, elas parecem trazer, de quando em quando, uma utopia, no sentido desesperador de não parecer não haver possibilidade de desfazer tal mal-estar.

No que diz respeito às mulheres, ainda não se têm respostas sobre o momento em que elas poderão decidir sobre seus corpos, suas vontades e suas posições sem terem um homem ou uma religião afirmando o que deve ou não ser feito. As mulheres ainda não são donas de si e lhes é retirada a liberdade de escolha. O que o papel das mulheres não pode ser, em hipótese alguma, é submissão.

² BERTOLOTE, José. *Deteção do risco de suicídio nos serviços de emergência psiquiátrica*.



Quanto ao suicídio, não é possível saber quando ele será (se é que um dia será) reconhecido como reflexo de problemas psíquicos e, portanto, como uma questão de saúde pública que precisa ser trabalhada com urgência. É perceptível, a partir das leituras de Marx, que os motivos que desencadearam os suicídios na França são os mesmos da atualidade.

A crítica deste trabalho, no entanto, está voltada à questão de gênero, à compreensão do papel histórico do patriarcado sobre a vida das mulheres e da importância em se pensar o gênero feminino a partir de uma comunidade única. As mulheres estão todas, independentemente de suas classes, sujeitas às mesmas situações.

Assim, surge a indagação: será que o obscurantismo continuará por mais 200 anos? Essa resposta ainda não é possível, mas pensar o papel da sociedade nessa questão e refletir de forma crítica pode ser um primeiro, e grande, passo.



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006.

